

HUGUENIN, Rafael Monteiro. *Subfiguratio Empirica I-V: aspectos básicos da escola empírica de medicina de Galeno com base na tradução latina de Nicolau de Reggio*



SUBFIGURATIO EMPIRICA I-V:
aspectos básicos da escola empírica de medicina de Galeno com base na tradução latina de Nicolau de Reggio

Rafael Monteiro Huguenin de Carvalho¹
IFRJ

RESUMO: Este artigo oferece uma tradução dos cinco primeiros capítulos do tratado *Subfiguratio Empirica*, escrito por Claudio Galeno, importante médico e filósofo do período helenístico. A tradução é baseada na versão latina medieval de Nicolau de Reggio, datada do século XIV, e editada por Max Bonnet, renomado filólogo alemão, em 1872. O objetivo dessa tradução é atender à crescente demanda de interesse na filosofia do período helenístico e na epistemologia das escolas médicas. Além disso, o artigo apresenta comentários sobre Nicolau de Reggio e seu estilo de tradução, bem como sobre o processo de edição e comparação entre as traduções latinas antigas realizado por Max Bonnet.

Palavras-chave: Filosofia Helenística - Medicina - Galeno - Empirismo Médico

ABSTRACT: This article provides a translation of the first five chapters of the treatise *Subfiguratio Empirica*, written by Claudio Galen, an important physician and philosopher of the Hellenistic period. The translation is based on the medieval Latin version by Nicolau de Reggio, dated from the 14th century, and edited by renowned German philologist Max Bonnet in 1872. The aim of this translation is to meet the growing demand for interest in Hellenistic philosophy and the epistemology of medical schools. Additionally, the article includes comments on Nicolau de Reggio and his translation style, as well as the process of editing and comparing ancient Latin translations conducted by Max Bonnet.

Keywords: Hellenistic Philosophy - Medicine - Galen - Medical Empiricism

¹ Professor do IFRJ. Estágio pós-doutoral em Filosofia pela UFRRJ (2023). Doutorado em Filosofia pela PUC-Rio (2013). Mestrado em Filosofia pela PUC-Rio (2010). rafahuguenin@gmail.com.

HUGUENIN, Rafael Monteiro. *Subfiguratio Empirica I-V: aspectos básicos da escola empírica de medicina de Galeno com base na tradução latina de Nicolau de Reggio*

Introdução à tradução

Ensinar a filosofar a partir dos gregos e latinos nos Institutos Federais é uma oportunidade valiosa para aproximar os estudantes de áreas técnicas do rigor analítico e do pensamento crítico presentes nos textos clássicos. Ao apresentar a tradução de uma parte de um tratado de Cláudio Galeno, médico e filósofo do período helenístico, este estudo justifica-se não apenas pela relevância histórica da obra, mas também pela necessidade contemporânea de integrar saberes humanísticos ao campo das ciências aplicadas.

A epistemologia da escola empírica de medicina apresentada por Galeno na presente tradução oferece uma perspectiva essencial para entender a relação entre prática científica e sua fundamentação teórica, uma vez que ela se fundamenta na observação sistemática, tentativa e erro e experimentação. Como se sabe, a compreensão dessa relação vem se tornando cada vez mais urgente nos tempos atuais, na medida em que a negação da ciência passou a assumir um papel central não apenas na retórica e na propaganda política, mas também na elaboração de políticas públicas para o desenvolvimento da ciência.

Assim, a escolha de um texto traduzido no século XIV por Nicolau de Reggio ressalta o impacto duradouro da tradição clássica sobre a epistemologia científica moderna, ilustrando como a recuperação e análise crítica de textos antigos podem não apenas enriquecer o desenvolvimento intelectual em instituições voltadas para a ciência e a tecnologia, mas fundamentar com mais solidez a própria prática desenvolvida nos laboratórios da Instituição.

Nicolau de Reggio (1280-1350) foi o principal tradutor das obras de Galeno do grego para o latim no período medieval, tendo produzido cerca de 60 traduções de tratados médicos, dentre os quais 56 são textos de Galeno. Nascido em uma família de língua grega da região italiana da Calábria, ele foi educado em um ambiente bilíngue grego e latino e atuou como médico, tradutor e professor na Universidade de Nápoles e na corte angevina de Carlos II e depois Roberto I, no período compreendido entre 1308 e 1345². Essa posição privilegiada permitiu a Nicolau de Reggio receber manuscritos gregos vindos diretamente de Constantinopla, entre os quais se incluíam alguns testemunhos primários dos escritos de Galeno³. Como muitos desses manuscritos não foram infelizmente preservados, suas traduções para o latim são as únicas fontes de acesso a tratados importantes da obra de Galeno cujos originais gregos se perderam para sempre, tais como *De causis*

² Chandelier, 2013

³ Urso 2019, 372

HUGUENIN, Rafael Monteiro. *Subfiguratio Empirica I-V: aspectos básicos da escola empírica de medicina de Galeno com base na tradução latina de Nicolau de Reggio*

continentibus, De causis procatarteticis, De partibus artis medicae, De motibus dubiis e, por fim, *Subfiguratio empirica*⁴, do qual oferecemos em anexo uma tradução, ainda em versão preliminar.

Essas traduções, naturalmente, permitiram que um grande número de leitores latinos tivessem acesso a diversos textos de Galeno até então desconhecidos. Além disso, conforme veremos adiante, a técnica de tradução literal utilizada por Nicolau de Reggio, que procurava antes de tudo manter a fidelidade ao texto original preservando sempre que possível a correspondência exata entre as palavras e a ordem das frases, evitando ao máximo fazer ajustes e modificações, permitiu posteriormente aos filólogos realizar exercícios de reconstrução dos textos gregos originais. Por essa razão, as traduções cujos textos gregos correspondentes não estão mais disponíveis foram objeto de atenção de diversos filólogos e estudiosos da obra de Galeno, recebendo o maior número de edições críticas e, recentemente, de traduções para as línguas modernas.

O tratado *Subfiguratio Empirica*, cujo título pode ser traduzido literalmente como *Esboço Empírico* ou, talvez mais propriamente, como *Aspectos Básicos do Empirismo*, foi editado no século XIX, no ano de 1872 pelo filólogo alemão Max Bonnet⁵. Ele inicia esse trabalho fazendo um inventário cuidadoso das sete edições antigas das obras de Galeno das quais teve notícia, ressaltando que não consta em nenhuma delas o texto grego, apenas traduções em latim. Ele notou que os textos das traduções são diferentes uns dos outros, com números distintos de capítulos, acréscimos e variações nas formulações das frases. Algumas das edições não identificam os tradutores, enquanto outras mencionam um obscuro Domenico Castelo e o nosso já conhecido Nicolau de Reggio. A ausência do texto grego nessas edições suscitou dúvidas em alguns estudiosos quanto à própria existência de um texto grego. Por outro lado, segundo defende Bonnet, a estrutura das frases e a presença de palavras gregas preservadas ao longo do texto, parcialmente “cobertas com um manto de latinidade” (*uelamine latinitatis induta*)⁶, como o próprio termo ‘subfiguratio’ (ὕποτύπωσις) que consta no título, indicam a existência de um texto grego. Para melhor examinar essa questão, Bonnet se põe a examinar a relação entre os textos das traduções que constam nessas edições e, com isso, a credibilidade de cada uma.

Ao comparar os textos das edições mais antigas da obra de Galeno, Bonnet identifica três tradutores: Nicolau de Reggio, Domenico Castelo e um tradutor considerado incerto, ao qual são atribuídas provisoriamente as traduções não identificadas. Nicolau de Reggio, conforme afirmamos acima, era já bem conhecido por ter traduzido para o latim muitos textos de Galeno que constam nas

⁴ Fortuna 2018, 738

⁵ Bonnet 1872

⁶ Bonnet 1872, 4

HUGUENIN, Rafael Monteiro. *Subfiguratio Empirica I-V: aspectos básicos da escola empírica de medicina de Galeno com base na tradução latina de Nicolau de Reggio*

diversas edições de suas obras. Seu estilo e finalidades tradutórias também já eram conhecidas. Em um prefácio, ele se dirige ao seu protetor, Roberto I, nos seguintes termos: “Eu, Nicolau de Reggio, médico fiel e vosso súdito, de acordo com o vosso mandato, traduzi do idioma grego para o latim, sem adicionar, diminuir ou alterar nada” (Ego Nicolao de Reggio medicus fidelis et subditus uester iuxta mandatum uestrum de graeco idiomate in latinum transtuli nihil addens minuens uel permutans)⁷. De fato, segundo Max Bonnet, quem ler apenas algumas páginas de *Subfiguratio Empirica* pode atestar essa afirmação, pois Nicolao de Reggio traduziu “palavra por palavra” (verbum de verbo) e até mesmo, em alguns casos, “sílaba por sílaba” (syllaba de syllaba), de modo que é possível até mesmo, com certo esforço, “reconstruir a frase grega” (graecam orationem refingere)⁸. O outro tradutor identificado, Domenico Castelo, permanece um personagem obscuro cujo único feito digno de nota, segundo Bonnet, foi a tradução de *Subfiguratio*, concluída provavelmente pouco antes de 1540. Posteriormente, surgiu uma quarta tradução, feita por João Batista Nasarius para a edição Giunta das obras de Galeno, tradução essa admitidamente não realizada a partir do grego.

Pois bem, pelo que atribuiu “a um feliz acaso” (felici casu)⁹, Max Bonnet encontrou pelo uma parte do texto grego de *Subfiguratio*, integrado a outro tratado de Galeno intitulado *De Simplicium medicamentorum temperamentis et facultatibus*¹⁰. Ao confrontar esse trecho com as três traduções mais antigas identificadas, Bonnet concluiu que tanto Domenico Castelo quanto o tradutor incerto produziram suas traduções a partir da tradução de Nicolau de Reggio e não com base no próprio livro grego¹¹. Para mais detalhes sobre o delicado processo de comparação entre os textos, remetemos o leitor à própria obra de Bonnet e nos limitamos aqui a mencionar brevemente suas conclusões. Em resumo, certas omissões, paráfrases, adições, alterações e transposições que constam apenas nas traduções de Castelo e na do tradutor incerto, cotejadas com o trecho grego, comprovam indubitavelmente que a tradução de Nicolau de Reggio é a única feita a partir do original. Ao mesmo tempo, as omissões, soluções pouco claras, erros de interpretação e, obviamente, passagens inteiras da própria tradução de Nicolau de Reggio também são reproduzidas nas traduções de Castelo e na do tradutor incerto. No entanto, apesar de dependerem da tradução literal de Nicolau de Reggio, as duas outras traduções atendem a diferentes propósitos tradutórios, resultando em textos distintos “daquele

⁷ Bonnet 1872, 4

⁸ Bonnet 1872, 5

⁹ Bonnet 1872, 7

¹⁰ *De simplicium*, XII 312

¹¹ Bonnet 1872, 7

HUGUENIN, Rafael Monteiro. *Subfiguratio Empirica I-V: aspectos básicos da escola empírica de medicina de Galeno com base na tradução latina de Nicolau de Reggio*

horrível e bárbaro tipo de discurso que é usado por Nicolau” (ab horrido illo et barbaro dicendi genere quo usus est Nicolaus)¹².

Mais especificamente, o tradutor incerto adaptou a antiga tradução de Nicolau de Reggio, tornando-a adequada a pessoas mais instruídas e habilidosas na língua latina, geralmente mais atentas em relação à pureza e elegância da linguagem. Domenico Castelo, por outro lado, “parece ter desejado que as pessoas acreditassem que sua tradução era nova e derivada do grego” (autem hoc uidetur uoluisse ut nouam et ex graeco haustam suam interpretationem homines crederent)¹³. Para isso, ele se baseou mais na versão de Nicolau de Reggio por perceber que ela era mais completa e literal, mas também se apoiou no tradutor incerto para esclarecer passagens obscuras e buscar palavras diferentes das utilizadas por Nicolau. A tradução de João Batista Rasarius, por sua vez, que também aspirava à clareza e à elegância, foi produzida a partir das versões do tradutor incerto e de Domenico Castelo, embora haja alguns indícios de que ele tinha a tradução de Nicolau de Reggio à sua disposição¹⁴. Ao fim de seu trabalho de comparação das traduções, Max Bonnet concluiu não apenas que a tradução de Nicolau de Reggio é superior às outras em termos de confiabilidade e integridade, mas que ela também foi feita a partir de um texto grego¹⁵. Dada a importância de *Subfiguratio Empirica* para a compreensão da Filosofia Helenística, em especial no que diz respeito às relações entre Epicuro e a medicina empírica, tema no qual trabalhava na época, Max Bonnet produziu e publicou em 1872 a edição que constitui o objeto dos comentários em tela.

Apesar da edição pioneira de Bonnet ter servido de base para outras edições e traduções, o texto *Subfiguratio Empirica* permanece até hoje pouco estudado e traduzido para línguas modernas. Em 1930, em obra importante que trata da escola empírica de medicina e reúne fragmentos de seus principais expoentes, Karl Deichgräber oferece um notável exercício de retroversão para o grego a partir da tradução latina de Nicolau de Reggio¹⁶. Essa obra, que foi republicada com alguns acréscimos em 1965, não é acompanhada de uma tradução para o alemão. Vinte anos depois, em 1985, Michael Frede publica uma tradução para o inglês, acompanhada de traduções de dois outros tratados de Galeno, quais sejam, *De sectis* e também *De experientia medica*¹⁷. Esse texto sobreviveu apenas em árabe e foi traduzido para o inglês por Richard Walzer. Um ano depois, em 1986, Jens Atzpodien publicou uma tradução do texto para o alemão com base na edição de Deichgräber,

¹² Bonnet 1872, 17

¹³ Bonnet 1872, 17

¹⁴ Bonnet 1872, 18

¹⁵ Bonnet 1872, 19

¹⁶ Nachmanson 1932

¹⁷ Frede & Walzer 1985

HUGUENIN, Rafael Monteiro. *Subfiguratio Empirica I-V: aspectos básicos da escola empírica de medicina de Galeno com base na tradução latina de Nicolau de Reggio*

acompanhada de introdução e comentários¹⁸. Por fim, em 1998, o texto recebe sua primeira tradução francesa, feita por Catherine Dalimier, Jean-Pierre Levet e Pierre Pellegrin, sendo publicado juntamente com mais quatro tratados de Galeno, quais sejam, *De sectis*, *De Experientia medica*, *Institutio logica* e *De sophismatis*¹⁹. Como infelizmente ainda não tivemos acesso aos trabalhos de Deichgräber, Atzpodien e Dalimier, tomamos como base a edição de Bonnet e a tradução de Frede como única instância de cotejo.

De nossa parte, acreditamos que uma tradução em língua portuguesa se justifica não apenas por conta de seu ineditismo, mas também pela possibilidade de explorar as relações entre o pensamento dos médicos empíricos e as formas específicas de expressão linguísticas e o estilo que eles efetivamente utilizaram para veicular seus pensamentos. Nesse ponto, é preciso lembrar que o texto foi produzido no contexto das disputas entre as escolas de medicina do período helenístico, podendo ser lido como uma apresentação dos contornos gerais da escola empírica em oposição às escolas racionalista e metodista. Mais especificamente, essa apresentação deve ser lida como uma exposição feita por um representante da escola empírica. O próprio Galeno fornece essa orientação de leitura no final do primeiro capítulo de *Subfiguratio Empirica*, quando afirma: “suponhamos que quem diz tudo o que está neste livro é ele próprio empírico” (*supponatur autem qui dicit omnia sunt in hoc libro esse empiricus*)²⁰.

Assim, deveríamos esperar por parte do autor, entre outras coisas, certa cautela na escolha de termos técnicos que poderiam acarretar maiores comprometimentos epistêmicos, assim como cuidado na formulação de definições que poderiam ser exploradas pelos adversários, ao lado de uma preferência por palavras e formas de expressão mais próximas dos usos ordinários, isto é, mais próximas da língua falada pelos artífices em geral. Nesse sentido, uma tradução que procura explorar as relações entre o pensamento dos médicos empíricos e as supostas formas de expressão que eles utilizaram deve evitar, na mesma linha da tradução literal de Nicolau de Reggio, expandir demais trechos que parecem obscuros a título de explicações que poderiam ser fornecidas em notas. Deve evitar também a escolha de termos que poderiam gerar anacronismos exacerbados que comprometam a postura epistêmica do texto, conforme tentamos fazer no exercício de tradução do latim que oferecemos ao leitor nas linhas abaixo.

GALENI SUBFIGURATIO EMPIRICA

¹⁸ Touwaide 1991

¹⁹ Jeanmart & Beets 2001

²⁰ Bonnet 1872, 36

ASPECTOS BÁSICOS DO EMPIRISMO DE GALENO

Capitulum I

Prooemiale de intentione Galeni in hoc libro

Omnes medici qui colunt empiriam sicut et philosophi dicti sceptici eam quae a viro renuentes nuncupationem a dispositione quae secundum animam deposcunt cognosci. et secundum hoc alios quidem medicos Hippocraticos vel Erasistratios vel Praxagóricos vel Asclepiadicos vel alio tali nomine nominari aiunt, seipsos autem neque Acronios (licet Acron primus praeses fuerit sermonum empiricorum) at vero neque a Timone neque a Philino neque Serapione qui Acrone quidem posteriores, priores vero aliis empiricis facti sunt. hoc igitur supposito communiter omnibus eis certissime utique erit didascalus empiricae haereseos qui cauet in omnibus quaecumque dicit ponere aliquod eorum quae aestimantur fore indicatiue inuenta. non enim artem medicatiuam indicatione cum experientia constitutam esse volunt, sicut dicunt omnes dogmatici medici, sed sola experientia eorum quae ut plurimum et similiter inuenta sunt. his igitur attendens mente singulum praedictorum iudica, ostendente me certitudinaliter doctrinam empiricae haereseos qualis quaedam sit. Supponatur autem qui dicit omnia sunt in hoc libro esse empiricus.

Cap II

Declarans unde sumpsit exordium medicatiua secundum empiricos

Medicatiuam artem ab experientia et non ab indicatione dicimus sumpsisse consistentiam. nominamus autem experientiam quidem per se inspectiuam notitiam alicuius, indicationem vero notitiam quae ex rationali assecutione. sensus enim ducit nos ad experientiam, ratio vero ducit dogmaticos ad indicationem. per se inspectiua uero notitia aliquando quidem automaticè fit uidentibus

Capítulo I

Proêmio sobre a intenção de Galeno neste livro

Todos os médicos que seguem a empiria, assim como os filósofos chamados céticos, recusam ser chamados pelo nome de um homem, mas preferem antes serem conhecidos segundo sua disposição de ânimo. E segundo isso, eles dizem que enquanto os outros médicos são chamados de Hipocráticos ou Erasistráticos ou Praxagóricos ou Asclepiádicos ou por um tal outro nome, eles mesmos não são chamados de Acronianos (embora Ácron tenha sido o primeiro representante das doutrinas empíricas), nem de Timon ou de Philinos ou de Serápion, que, de fato, foram posteriores a Ácron, mas anteriores a outros empíricos. Ademais, supondo portanto que isso é comum a todos eles, o mais confiável expositor da seita empírica será aquele que se abstém, em tudo o que diz, de sustentar qualquer uma dessas coisas que foram consideradas descobertas por indicação. Pois eles não querem que a arte médica seja constituída com base na indicação em conjunto com a experiência, conforme afirmam todos os médicos dogmáticos, mas somente pela experiência das coisas que foram descobertas ao ocorrerem muitas vezes e de forma similar. Tendo isso em mente, portanto, julgue cada uma das coisas ditas aqui, enquanto eu mostro qual é precisamente o tipo de doutrina da seita empírica. Mas suponhamos que quem diz tudo o que está neste livro é ele mesmo empírico.

Cap II

Que explica de onde teve início a medicina segundo os empíricos

Dizemos que a arte médica adquiriu consistência a partir da experiência e não a partir da indicação. Denominamos experiência a noção de algo por meio da inspeção pessoal e indicação a noção que resulta de consequência racional. Os sentidos nos conduzem à experiência, enquanto a razão conduz os dogmáticos à indicação. De fato, a noção proveniente da inspeção pessoal ocorre às vezes espontaneamente quando alguém vê algo e

HUGUENIN, Rafael Monteiro. *Subfiguratio Empirica I-V: aspectos básicos da escola empírica de medicina de Galeno com base na tradução latina de Nicolau de Reggio*

aliquid et uocatur circumincidentia, aliquando autem fit et autoschediantibus uel imitantibus aliquod eorum quae uiderunt, automaticis dictis his quae a fortuna uel a natura fiunt; a fortuna quidem uelut si aliquem posteriora capitis dolentem contingat cadere et incisa ea quae in fronte uena recta et sanguine effuso iuuari, a natura uero siue naturaliter sicut in haemorrhagiante per nares et deinde infebriente effecto. autoschedia uero experientia fit sicut si iuuatur propter desiderium uel bibendo aquam frigidam uel comedendo malum granatum aut pirum aut quid tale aliud, uel si morsus monte ab aliqua fera aduenit ei hanc herbam apponere et abinde iuuari. imitatuam autem experientiam in eis quae ita apparent facimus et in eis quae bis aut ter aut multotiens quidem, non tamen ita multotiens apparent ut sit possibile dicere utrum semper sequatur hoc ad hoc adducto uel apparente aut ut plurimum aut utrolibet aut raro. tribica uero idest erudita experientia artificibus sola fit se cundum similitudinem aliquam eorum quae ex empiria sunt inuenta. empiriam autem dicimus notitiam eorum quae ita multotiens apparuerunt ut iam theorematice sit idest ut sciatur utrum semper aut ut plurimum aut secundum utrumlibet aut raro eueniant. quatuor enim sunt hae theorematice differentiae. quocirca et dicemus esse theorema rei alicuius uisae multotiens notitiam simul cum distinguendo euentum qui est secundum contrarium. distinctio uero eius quidem quod semper ut inapparibile habentis contrarium, eius uero quod ut plurimum ut apparente quidem eo quod contrarium est sed raro, eius uero quod secundum utrumlibet ut aequaliter apparente, eius quod raro eo quod non aliquando sed ut plurimum. ea uero de quibus non habemus talem distinctionem inordinata dicimus et notitiam quae de eis non esse penitus partem empiriae. uocauit autem huiusmodi empiriam Menodotus empiriam secundum particulam incompositam existentem ex aliis particularibus empiriis, et propterea primam et simplicissimam eam dixit esse.

denomina incidência, mas às vezes ocorre também quando alguém improvisa ou imita algo que já viu, espontaneamente sendo ditos os casos que ocorrem por acaso ou por natureza; por acaso, por exemplo, se alguém que sente dor na parte posterior da cabeça acaba caindo e, ao cortar a veia direita na testa, se beneficia com o derramamento de sangue, e por natureza, ou naturalmente, como no caso de alguém sofrer hemorragia pelo nariz e logo em seguida se tornar afebril. Experiência improvisada ocorre quando alguém, por exemplo, se beneficia pelo desejo de beber água gelada ou de comer romã ou pêra ou qualquer outra coisa tal, ou se alguém, mordido por alguma fera do monte, aplica no local certa erva e se beneficia com isso. Produzimos experiência imitativa com base em coisas que aparecem de certo modo e que ocorreram duas, três ou mais vezes, mas não apareceram tantas vezes de modo a ser possível afirmar que isso sempre se segue sendo aplicado ao caso ou se são aparentes na maioria das vezes, na metade das vezes ou raramente. Porém, a experiência prática, isto é, aprendida, ocorre aos artífices apenas de acordo com a semelhança com as coisas que já foram descobertas a partir da empiria. Chamamos de empiria a noção das coisas que se tornaram aparentes tão frequentemente a ponto de se tornarem teorematice, isto é, quando se sabe que ocorrem sempre, ou na maioria das vezes, ou na metade das vezes ou raramente. São essas as quatro diferenças teorematice. Por conseguinte, também dizemos que um teorema é a noção de alguma coisa que foi vista com frequência simultaneamente com a distinção do evento contrário. Distinção entre o que acontece sempre de modo que o contrário não é aparente, o que acontece na maioria das vezes de modo que o contrário é aparente embora raro, o que acontece na metade das vezes de modo que o contrário é aparente da mesma forma, e o que acontece raramente de modo que o contrário é aparente não apenas algumas mas na maioria das vezes. Mas em relação aos casos em que não temos tal distinção, nós dizemos que são desordenados e a noção relativa a eles não faz parte da empiria. Menódoto chamou esse tipo de empiria de empiria particular existente não

composta por outras empirias particulares e por isso disse que ela era a primeira e a mais simples.

Cap. III

Notificans ea per quae acquiruntur partes medicatiuae sicut est per se inspectio historia similis transitio imitatio obseruatio tribica automatica autoschedia. non tamen tanguntur omnia ista hic sed aliqua ex eis.

Sicut autem ex pluribus empiriis componitur tota ars, ita rursus singula huiusmodi empiriarum ex multis empiriis. hoc autem, scilicet ex quot, indeterminabile est et subincidit in ambiguum rationem quam quidam nominant soriticam. dictum est autem amplius de ea in alio libro qui intitulatur de medicinali empiria. apud antiquos quidem igitur Graecos hoc, scilicet per se inspectorem, uidi quidem scriptum, per se inspectionem non uidi. nos uero sicut in aliis ita et in his cognominantes dicimus per se inspectionem. operatio quaedam uero et non notitia fiet per se inspectori. sed assueuerunt anteriores empirici non operatio nem solam sed etiam notitiam dicere per se inspectionem, et quod plus est adhuc empiriam ipsam ita nominant. et nos etiam similiter utemur his nominationibus, et dicemus per se inspectionem non solum omnem notionem eius quod apparet sed etiam empiriam quae ex multis talibus acruata est. assueuerunt autem nescio quare nomen obseruationis dicere impar huic, scilicet notitiae et memorationi eorum quae inuenta sunt. et propterea et Theodes dixit quod partes medicatiuae per quas ut plurimum adipiscimur finem per empiriam nobis acquiruntur, quae per per se inspectionem et historiam fit et transitionem quae secundum conuenientiam; deinde consequenter definiens empiriam quae nihil differt a per se inspectione ait: empiria quidem igitur dicitur tota eius quod apparuit obseruatio, pro memoratione et notitia dicens obseruationem, quod et conseruatio nominatur, quae est actus eius quod obseruat, indicante hac nuncupatione non proprie dictam memoracionem aut notitiam. his quidem igitur uocabulis non sunt usi secundum consuetudinem Graecorum, nomine uero tribes

Cap. III

Que explica aquilo pelo qual são adquiridas as partes da medicina, tais como a inspeção pessoal, histórico, transição para o similar, imitação, observação prática, espontânea e improvisada. No entanto, nem todas essas coisas são abordadas aqui, mas algumas delas.

Assim como toda arte é composta de muitas empirias, da mesma forma cada uma dessas empirias, por sua vez, é composta por várias empirias. Quantas são, porém, é algo indeterminável e incide em uma razão ambígua que alguns denominam sorites. Isso foi comentado mais amplamente em outro livro intitulado *Sobre a Empiria Médica*. De fato, encontrei isso entre os antigos gregos, nos quais eu vi escrito especificamente “quem inspecionou por si mesmo”, mas não vi “inspeção pessoal”. Porém, assim como nos outros casos, também utilizamos neste caso um derivado e dizemos “inspeção pessoal”. Mas uma operação e não uma noção será produzida por quem por si mesmo inspeciona algo. Os empiristas anteriores, no entanto, costumavam chamar a inspeção pessoal não apenas de operação, mas também de noção e, mais do que isso, também denominavam empiria. E nós também utilizaremos de forma semelhante essas denominações, e diremos que a inspeção pessoal envolve não apenas a noção do que é aparente mas também a empiria que é acumulada a partir de muitos desses casos. Mas eles se acostumaram, não sei por que, a usar o nome “observação” de forma diferente desta, a saber, como “noção” e “lembrança do que foi descoberto”. E por isso Theodas também disse que as partes da medicina pelas quais na maioria das vezes atingimos nosso objetivo são adquiridas pela empiria, que é produzida pela inspeção pessoal, pelo histórico e pela transição segundo o adequado; em seguida, na sequência, definindo a empiria que nada difere da inspeção pessoal, ele diz: a empiria, portanto, é chamada de observação de tudo o que aparece, utilizando observação em lugar de memória e noção,

HUGUENIN, Rafael Monteiro. *Subfiguratio Empirica I-V: aspectos básicos da escola empírica de medicina de Galeno com base na tradução latina de Nicolau de Reggio*

sicut illi; eam enim quae in operationibus exercitationem empiriae triben nominant. a qua et tribon a Graecis uocatur qui hac participauit, sicut et empirus qui habet empiriam. empiricum enim non assueuerunt uocare Graeci. sed qui constituerunt empiriam se ipsos empiricos quidem, empiriam uero non solum huius unius theorematis notitiam sed totam medicatiuam nominant, quam ex per se inspectiua empiria consistere aiunt quam nominant per se inspectionem et cum illa ex historia et similis transitione; historiam quidem dicentes annuntiationem per se inspectionis, similis uero transitionem uiam ad tribicam empiriam per similitudinem eorum quae per experientiam scita sunt.

Cap. IV

De similis transitione et de historia per modum inquisitionis et de descriptione empiriae.

Quaesitum autem est si, et Serapio aestimat tertiam partem esse constitutiua totius medicatiuae similis transitionem. quod non docuit Menodotus sed utitur solummodo ea; non est autem idem uti et ut parte uti. et nimirum neque uti transitione illa temptat ostendere Pyrrhonius Cassius qui unum integrum de hoc scripsit librum. melius autem fecit Theudas rationabilem experientiam dicens esse uiam eam quae per similitudinem. alii autem quidam uelut organum eam esse dixerunt. melius autem est fortasse et historiam dicere uelut organum esse et non partem medicatiuae; similiter autem et obseruationem quam uelut operationem dixi dici. propterea igitur ut mihi uidetur et Theudas de eis ita scripsit: partes autem medicatiuae per quas adipiscimur finem per empiriam nobis adueniunt, quae per se inspectionem fit et historiam et transitionem eam quae fit secundum conueniens. per hoc enim ait

denominando-a também de conservação, que é o ato daquele que observa, indicando por essa designação não propriamente memória ou noção. Tais vocábulos, de fato, eles não utilizaram segundo o costume dos gregos, mas usaram o nome “prática” de acordo com eles; pois denominam prática o treinamento nas operações da empiria. Quem participou disso é chamado portanto de “prático” pelos gregos, assim como é chamado de empírico quem possui empiria. Os gregos não costumavam utilizar o termo empírico. Porém, aqueles que estabeleceram o empirismo chamam a si mesmo de empíricos, e de empírico não apenas a noção de um teorema particular, mas a totalidade da medicina, que afirmam consistir em empiria do que alguém inspecionou por si mesmo, que denominam inspeção pessoal, juntamente com o histórico e a transição para o similar; afirmando que histórico é a enunciação da inspeção pessoal de alguém, e transição para o similar a condução para a empiria prática pela similaridade com aquilo que já é conhecido por experiência.

Cap. IV

Sobre a transição para o similar e sobre o histórico como modo de investigação e descrição da empiria

A questão é se Serapio também considera que a transição para o similar é a terceira parte constitutiva da totalidade da medicina. Menódoto não ensinou isso mas apenas utilizou; no entanto, utilizar e considerar uma parte não é o mesmo. E, sem dúvida, nem Cassio Pirrônico, que escreveu um livro inteiro sobre isso, tenta mostrar a utilização dessa transição. Porém, Theodas fez melhor ao dizer que a condução por semelhança é uma experiência racional. Outros, por outro lado, disseram que ela é como um instrumento. Contudo, talvez seja melhor dizer que o histórico também é como um instrumento e não uma parte da medicina; da mesma forma em relação à observação, que afirmei ser como uma operação. Por isso, como me parece, Theodas escreveu sobre essas coisas do seguinte modo: as partes da medicina por meio das quais atingimos nosso objetivo são obtidas por empiria, que é produzida

HUGUENIN, Rafael Monteiro. *Subfiguratio Empirica I-V: aspectos básicos da escola empírica de medicina de Galeno com base na tradução latina de Nicolau de Reggio*

obtineri partes medicatiuae, alias quidem existentes uidelicet, communiter autem uniuersas memorationes existentes. et propter hoc melius utique quis describet empiriam memoriam eorum quae multotiens et eodem modo uisa sunt. si uero et obseruationem pro memoria dicat quis, erit et ita empiria eorum quae multotiens uisa sunt obseruatio. si uero obseruatio quidem de operatione dicatur, sicut et dicunt Graeci, memoria uero pro mansione in anima eorum quae uisa sunt, licet ambo comprehendendo dicere empiriam esse eorum quae multotiens et similiter uisa sunt obseruationem et memorationem, uel dicere solam memorationem; continetur enim obseruatio in ea eo quod non possumus memorari similiter eorum quae multotiens uisa sunt nisi obseruationem aliquam faciamus ipsorum.

Cap. V

De partibus medicatiuae secundum empiricos; et sunt tres, signatiua curatiua et sanatiua.

De his igitur putauit bonum esse dicere in descriptione compendiosa. Theudas autem totius medicinae ponebat partes signatiuam et curatiuam et uocatam sanatiuam. ea autem ex quibus nobis haec acquiruntur per se inspectionem esse ait et historiam et similis transitionem. et propter hoc illi qui nominant eas partes totius empiriae non nominant eas absque additione dicendo eas simpliciter partes, sed partes constitutiuas idest constituentes totam medicatiuam, cuius quidem partes finales signatiuam et curatiuam esse aiunt et sanatiuam, contradiuentes finales constitutiuas. non sunt autem illae partes apud eos qui bene determinare uolunt, sed operationes quaedam medicorum; sed notitia quae in anima secundum quam medicus signat et curat et prouidet de sanis illa est pars medicatiuae. sed multotiens ita dicunt illi abutentes, et nos ita dicimus, scilicet quod sunt

pela inspeção pessoal, pelo histórico e pela transição segundo o adequado. Por isso ele diz que as partes da medicina são obtidas através disso, também existindo outras mas, de fato, o que existe geralmente são memórias universais. E, por isso, certamente é melhor que alguém descreva a empiria como a memória daquelas coisas que foram vistas muitas vezes e da mesma maneira. Se, no entanto, alguém chamar observação de memória, então a empiria também será observação das coisas que foram vistas muitas vezes. Se, porém, a observação for dita em relação à operação, como também dizem os gregos, e a memória for considerada permanência na alma das coisas que foram vistas, é lícito combinar ambas e dizer que empiria é a observação e também a memória das coisas que foram vistas muitas vezes de forma similar, ou dizer simplesmente que é memória; nela está contida a observação, uma vez que não podemos rememorar as coisas que foram vistas de forma similar muitas vezes a menos que façamos alguma observação delas próprias.

Cap. V

Sobre as partes da medicina segundo os empíricos; e elas são três: semiótica, terapêutica e higiene.

Sobre isso eu pensei que seria bom falar em uma descrição sucinta. Theudas considerava toda a medicina composta por três partes: semiótica, terapêutica e a assim chamada higiene. Ele diz que nós adquirimos essas coisas por meio da inspeção pessoal, do histórico e da transição para o similar. E, por isso, aqueles que denominam essas coisas partes de toda a empiria não as nomeiam simplesmente como partes mas, fazendo uma adição, como partes constitutivas, isto é, que constituem toda a medicina, cujas partes finais afirmam ser semiótica, terapêutica e higiene, distinguindo assim partes finais e constitutivas. No entanto, essas não são tomadas como partes por aqueles que desejam determinar bem a questão, mas como certas operações do médico; mas é antes a noção que está na alma, segundo a qual o médico faz a identificação, a cura e o tratamento dos saudáveis, que faz parte

HUGUENIN, Rafael Monteiro. *Subfiguratio Empirica I-V: aspectos básicos da escola empírica de medicina de Galeno com base na tradução latina de Nicolau de Reggio*

partes totius medicatiuae illae, scilicet signatiua curatiua et sanatiua. signatiuae quidem igitur dignotio praesentium et praecognitio futurorum sunt particulae; curatiuae uero chirurgia diaeta et pharmacia, memorantibus nobis et hoc, quoniam eisdem nominibus nominant operationes et scientias quibus operamur. sanatiuam uero quidam quippe custodiunt indiuisam, quidam autem diuidunt in sanatiuam quae secundum speciem et in euhecticam; quidam uero et praecustoditiuam et resumptiuam et gerocomicam idest senum educatiuam addiderunt. sunt autem alii qui totius quidem medicatiuae dicunt illas esse particulas, fieri autem ex incisione neutrorum (quae esse uolunt tria, haec autem sunt corpora et causae et signa) praeter sanatiua et aegrotatiua. et Herophilus ita ponebat, totam medicatiuam dicens scientiam esse sanorum et neutrorum et aegrorum. sunt autem utique et in signis et in causis neutra. secundum hanc ita diuisionem consequens est nobis custodiendo empiricam ductionem eius incidere, ut possimus aptius docere quod inciditur. non tamen prohibeo eos qui aliter incidunt si ex incisione eorum nulla relinquatur artis particula. propterea et Theudas in principio doctrinae partium ita dicit: partes autem eius dicendum est esse suscipientes et incisionem ad alia, signatiuam et curatiuam et dictam sanatiuam. non igitur est adhuc mirabile si aliqui quidem duas rationes dixerunt esse empiriae, alii uero tres, alii autem quatuor, alii autem quinque. dicunt enim ipsi non esse discordantiam hoc sed diuersitatem uerborum, ac si dicerent diuersorum uerborum doctrinam. sed quae quidem est quae ad rationes incisio parum post dicetur.

da medicina. De fato, eles muitas vezes falam assim impropriamente, e nós também dizemos da mesma forma, ou seja, que as partes de toda a medicina são estas, quais sejam, semiótica, terapêutica e higiene. São partes portanto da semiótica o diagnóstico do que está presente e o prognóstico do que é futuro; a terapêutica, por sua vez, abrange cirurgia, dieta e farmácia, lembremo-nos também disso, uma vez que eles nomeiam com os mesmos nomes as operações e ciências com as quais operamos. Mas alguns, de fato, mantêm a higiene não dividida, enquanto outros, por sua vez, a dividem em higiene segundo aparência e higiene para o bem estar do corpo; outros, no entanto, adicionaram ainda a profilática, a restaurativa e a gerontológica, isto é, a que orienta idosos. Porém, há outros que afirmam que, embora essas sejam partes de toda a medicina, elas são formadas pela divisão dos pacientes neutros (que eles querem que seja tripla em corpos, causas e sinais), em lugar da divisão entre o saudável e o doente. Herófilo também colocava dessa maneira, dizendo que a totalidade da medicina é a ciência dos saudáveis, dos neutros e dos doentes. Contudo, há coisas neutras tanto nos sinais quanto nas causas. Segundo essa divisão, é consequente para nós, mantendo a orientação empírica, também dividir dessa forma para que possamos ensinar mais apropriadamente o que é assim dividido. Mas eu não proíbo aqueles que dividem de outra forma se nenhuma parte da arte for deixada de fora por suas divisões. Por isso, também Theodas, no princípio de sua doutrina sobre as partes, disse assim: é preciso dizer que suas partes, quais sejam, semiótica, terapêutica e higiene, são as que incluem e se dividem em outras. Portanto, não é surpreendente nesse ponto se alguns disseram que há duas razões do empirismo, outros três, outros quatro e outros, por fim, cinco. Mas eles mesmos dizem que não há discordância nisso, mas apenas diversidade de palavras, como se estivessem enunciando a doutrina com palavras diferentes. Mas qual é a divisão ditada pela razão será dito adiante.

HUGUENIN, Rafael Monteiro. *Subfiguratio Empirica I-V: aspectos básicos da escola empírica de medicina de Galeno com base na tradução latina de Nicolau de Reggio*

Referências bibliográficas

BONNET, M. *De Claudii Galeni subfiguratione empirica*. Bonnae: Georgi, 1872.

CHANDELIER, J. *Niccolò da Reggio*. In: **Dizionario biografico degli italiani**, vol. 78, 2013.

DURLING, R. J. *A Chronological Census of Renaissance Editions and Translations of Galen*. iN: **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, 24, 3/4, p. 230. doi:10.2307/71961.

FORTUNA, S. *Galeno e le traduzioni latine*. In: **Bollettino della Facoltà di Medicina e Chirurgia dell'Università Politecnica delle Marche**, XII, n. 5, p. 2-7, 2009.

_____. *Galeno e le sue traduzioni*. In: **Comunicare la cultura antica. I Quaderni del Ramo D'Oro On-Line**, n. 5, p. 112-122, 2012.

_____. *Niccolò da Reggio e la traduzione del commento di Galeno al Prognostico d'Ippocrate*. In: **Medicina nei secoli**, 30, n. 2, p. 737-768, 2018

_____. *Il corpus delle traduzioni di Niccolò da Regio (fl. 1308-1345)*. In: **La medicina nel basso medioevo: tradizioni e conflitti**. Spoleto: Centro italiano di studi sull'alto medioevo, p. 285–312, 2019.

FREDE, M. & WALZER, R. (trad. & ed.) **Three Treatises On The Nature of Science. On the Sects for Beginners. An Outline of Empiricism. On Medical Experience**. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1985.

JEANMART, G. & BEETS, F. *Traites philosophiques et logiques : Des sectes pour les debutants, Esquisse empirique, De Vexperience medicate, Des sophismes verbaux, Institution logique*. In: **Dialogue**, v. 40, n. 01, p. 184-188, 2001.

NACHMANSON, E. *Die griechische Empirikerschule. Sammlung der Fragmente und Darstellung der Lehre by Karl Deichgräber*. In: **Gnomon**, v. 8, n. 5, p. 270-274, 1932.

TOUWAIDE, A. *Jens Atzpodien, Galens "Subfiguratio emperica"*. In: **L'antiquité classique**, Tome 60, pp. 375-377, 1991.

URSO, A. M. *Translating Galen in the Medieval West: the Greek-Latim Translations*. In: BOURAS-VALLIANATOS, P. & ZIPSER, B. Brill's **Companion to the reception of Galen**. Leiden: Brill, p. 359-380, 2019.